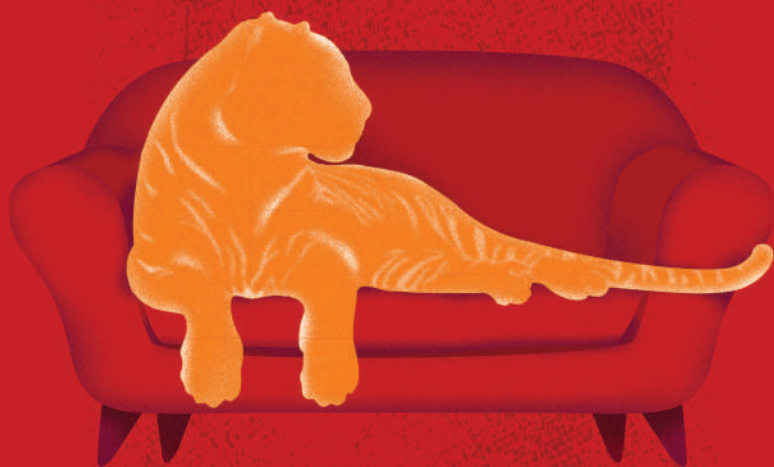


# JULIO CORTÁZAR

## Bestiário



cavalo de ferro

## CASA OCUPADA

Gostávamos da casa porque, além de espaçosa e antiga (e hoje as casas antigas sucumbem à mais vantajosa liquidação dos seus bens), guardava as memórias dos nossos bisavós, do avô paterno, dos nossos pais e de toda a infância.

Eu e Irene habituámo-nos a permanecer nela sozinhos, o que era uma loucura, pois naquela casa podiam viver oito pessoas sem se estorvarem. Fazíamos a limpeza de manhã, tendo-nos levantado às sete horas, e lá para as onze eu deixava que Irene tratasse das últimas divisões e ia para a cozinha. Almoçávamos ao meio-dia, sempre pontuais; não ficava já nada por fazer, com exceção de uns quantos pratos sujos. Era para nós agradável almoçar enquanto pensávamos na casa profunda e silenciosa e em como éramos suficientes para mantê-la limpa. Às vezes, acreditamos mesmo que foi ela que não nos deixou casar-nos. Irene recusou dois pretendentes sem grande motivo, a mim morreu-me María Esther antes de nos tornarmos noivos. Entrámos nos quarenta anos com a omissa ideia de que aquilo que tínhamos, um simples e silencioso matrimónio de irmãos, era uma necessária reclusão da genealogia determinada pelos bisavós na nossa casa. Acabaríamos por morrer ali um dia, vagos e esquivos primos ficariam com a casa e deitá-la-iam

abaixo para enriquecer com o terreno e com os materiais. Melhor, nós próprios a derrubaríamos justiceiramente antes que fosse demasiado tarde.

Irene foi feita para não chatear ninguém. Exceptuando a sua actividade matinal, passava o resto do dia a bordar no sofá do seu quarto. Não sei porque bordava tanto, julgo que as mulheres se dedicam a bordar quando encontram nessa tarefa um excelente pretexto para não fazerem nada. Irene não era assim, bordava sempre coisas necessárias, camisolas para o Inverno, meias para mim, casacos de trazer por casa e coletes para ela. Às vezes tecia um colete que rapidamente destecia depois porque não lhe agradava alguma coisa; era engraçado ver no cesto o monte de lã encrespada, resistindo a perder a forma que tivera durante algumas horas. Aos sábados, eu ia ao centro para lhe comprar lã. Irene confiava no meu gosto, ficava satisfeita com as cores e nunca tive de devolver meadas. Eu aproveitava aquelas saídas para dar uma volta pelas livrarias e perguntar, em vão, se havia alguma novidade na secção da literatura francesa. Desde 1939 que não chegava nada de relevante à Argentina.

Mas é da casa que me interessa falar, da casa e de Irene, porque eu não tenho qualquer importância. Pergunto-me o que teria feito Irene se não bordasse. Uma pessoa pode sempre reler um livro, mas quando um pulôver está terminado, não se pode repeti-lo sem escândalo. Um dia encontrei a gaveta de baixo da cómoda de cânfora repleta de xales brancos, verdes, lilases. Estavam cheios de naftalina, empilhados como numa retrosaria; não tive coragem para perguntar a Irene o que pensava fazer com eles. Não precisávamos de fazer por ganhar a vida, todos os meses nos chegava o dinheiro dos campos e

o capital ia aumentando. Mas Irene só se entretinha a bordar, exibia uma perícia maravilhosa e as horas voavam comigo a olhar para as suas mãos, que eram como ouriços prateados, as agulhas a ir e a vir e um ou dois cestos no chão, onde se agitavam constantemente os novelos. Era bonito.

Como não recordar a distribuição da casa? A sala de jantar, uma sala com gobelinas, a biblioteca e três grandes quartos ficavam na parte mais retirada, a que dá para a Rodríguez Peña. Só um corredor com a sua maciça porta de carvalho isolava aquela parte da ala dianteira, onde havia uma casa de banho, a cozinha, os nossos quartos e a sala de estar central, com a qual comunicavam os quartos e o corredor. Entrava-se na casa por um vestíbulo com maiólica, e a porta interior dava para a sala de estar. De maneira que uma pessoa entrava pelo vestíbulo, abria a porta interior e avançava para a sala de estar; tinha de ambos os lados as portas dos nossos quartos, e à frente o corredor, que conduzia à parte mais retirada; avançando pelo corredor, franqueava-se a porta de carvalho, e a partir daí começava o outro lado da casa, ou então podia-se virar à esquerda precisamente antes da porta e seguir por um corredor mais estreito que conduzia à cozinha e à casa de banho. Quando a porta estava aberta, dava para perceber que a casa era muito grande; caso contrário, dava a impressão de ser um apartamento como os que se constroem agora, desses em que mal dá para nos mexermos. Eu e Irene vivíamos sempre nesta parte da casa, quase nunca atravessávamos a porta de carvalho, excepto para fazer a limpeza, é incrível como o pó se acumula nos móveis. Buenos Aires pode ser uma cidade limpa, mas deve-o aos seus habitantes e não a outra coisa.

Há demasiada terra no ar, mal sopra uma rajada de vento e sente-se com os dedos o pó nos mármore das consolas e entre os losangos das carpetes de macramé; limpá-lo com espanador dá trabalho, voa e suspende-se no ar, e no instante seguinte deposita-se outra vez nos móveis e nos pianos.

Vou recordá-lo sempre com nitidez, porque foi simples e sem ocorrências inúteis. Irene estava a bordar no seu quarto, eram oito da noite e de repente lembrei-me de ir pôr ao lume a chaleira de mate. Fui pelo corredor até deparar com a porta de carvalho encostada, e estava a contornar a esquina que conduzia à cozinha quando ouvi alguma coisa na sala de jantar ou na biblioteca. O som chegava-me impreciso e surdo, como um tombar de cadeira sobre o tapete, ou um afogado sussurro de conversas. Também o ouvi, ao mesmo tempo ou um segundo depois, no fundo do corredor que vinha daqueles quartos até à porta. Atirei-me contra a porta antes que fosse demasiado tarde, fechei-a de rompante apoiando nela o corpo. Felizmente, a chave estava posta do nosso lado, e corri além disso o grande ferrolho para maior segurança.

Fui até à cozinha, aqueci a água, e quando voltei com a bandeja de mate contei a Irene:

– Tive de fechar a porta do corredor. Ocuparam a parte do fundo.

Deixou cair o bordado e olhou-me com os seus graves olhos cansados.

– Tens a certeza?

Assenti.

– Nesse caso – disse, apanhando as agulhas – vamos ter de viver deste lado.

Eu preparava o mate com muito cuidado, mas ela demorou algum tempo a retomar a sua tarefa. Lembro-me de que estava a bordar um colete cinzento. Eu gostava daquele colete.

Os primeiros dias foram penosos, porque deixáramos ambos na parte ocupada muitas das coisas de que gostávamos. Os meus livros de literatura francesa, por exemplo, estavam todos na biblioteca. Irene sentia a falta de umas toalhas, de um par de pantufas que tanto a aqueciam no Inverno. Eu lamentava o meu cachimbo de zimbro e acho que Irene pensou numa garrafa de hesperidina com muitos anos. Com frequência (mas isto só aconteceu nos primeiros dias), fechávamos alguma gaveta das cómodas e olhávamo-nos com tristeza.

– Não está aqui.

E era mais uma de entre todas as coisas que tínhamos perdido do outro lado da casa.

Mas também havia vantagens. A limpeza simplificou-se tanto que, mesmo que nos levantássemos tardíssimo, às nove e meia, por exemplo, ainda não soavam as onze horas e já nós estávamos de braços cruzados. Irene ganhou o hábito de ir comigo à cozinha ajudar-me a preparar o almoço. Pensámos muito, e decidimos: enquanto eu preparava o almoço, Irene cozinharía pratos frios para comer à noite. Ficámos satisfeitos, porque é sempre desagradável ter de abandonar os quartos já tarde para nos pormos a cozinhar. Agora a mesa do quarto de Irene e as travessas de comida fria eram-nos suficientes.

Irene estava contente, porque tinha mais tempo para bordar. Eu andava ligeiramente perdido por causa dos livros, mas, para não afligir a minha irmã, pus-me a rever a colecção de selos do papá, e isso serviu-me para matar o tempo. Divertíamo-nos

muito, cada um com as suas coisas, quase sempre reunidos no quarto de Irene, que era o mais cómodo. Às vezes Irene dizia:

– Olha só este ponto que me ocorreu. Não faz lembrar o desenho de um trevo?

Não muito depois era eu quem lhe punha à frente dos olhos um quadradinho de papel, para que observasse o mérito de um selo de Eupen e Malmédy. Sentíamo-nos bem e, pouco a pouco, começávamos a não pensar. É possível viver sem pensar.

(Quando Irene sonhava em voz alta, eu acordava imediatamente. Nunca me consegui habituar àquela voz de estátua ou de papagaio, voz que vem dos sonhos e não da garganta. Irene dizia que os meus sonhos consistiam em grandes repelões que às vezes faziam com que o cobertor caísse. Os nossos quartos estavam separados pela sala de estar, mas à noite tudo se ouvia na casa. Ouvíamo-nos a respirar, a tossir, presentíamos o gesto em direcção ao interruptor do candeeiro, as mútuas e frequentes insónias.

Com excepção disso, estava tudo calado na casa. De dia eram os rumores domésticos, o roçar metálico das agulhas de costura, um rangido ao virar as folhas do álbum filatélico. A porta de carvalho, julgo tê-lo dito, era maciça. Na cozinha e na casa de banho, que ficavam ao lado da parte ocupada, púnhamo-nos a falar em voz mais alta, ou então Irene cantava músicas de embalar. Numa cozinha há demasiados ruídos de loiça e de vidros para que outros sons a invadam. Muito poucas vezes nos permitíamos ali o silêncio, mas, quando regressávamos aos quartos e à sala de estar, a casa ficava calada e a meia-luz, até andávamos mais devagar para não nos apouquentarmos. Julgo que era por isso que à noite, quando Irene começava a sonhar em voz alta, eu acordava imediatamente.)

\*

É quase como repetir tudo, com excepção das consequências. À noite senti sede, e antes de nos deitarmos disse a Irene que ia à cozinha buscar um copo de água. À porta do quarto (ela estava a bordar), ouvi o barulho na cozinha. Na cozinha ou talvez na casa de banho, pois a esquina do corredor abafava o som. O modo brusco como me detive chamou a atenção de Irene, e ela aproximou-se de mim sem dizer nada. Ficámos a ouvir os ruídos, notando com nitidez que vinham do lado de cá da porta de carvalho, da cozinha e da casa de banho, ou do próprio corredor onde começava a esquina, quase ao nosso lado.

Nem sequer olhámos um para o outro. Apertei o braço de Irene e fi-la correr comigo em direcção à porta interior, sem olharmos para trás. Os ruídos ouviam-se cada vez mais fortes, mas sempre surdos nas nossas costas. Fechei de rompante a porta interior e ficámos no vestíbulo. Agora já não se ouvia nada.

– Ocuparam este lado – disse Irene. O bordado dependurava-se-lhe das mãos e os fios iam até à porta interior e perdiam-se por debaixo dela. Quando percebeu que os novelos tinham ficado do outro lado, soltou o bordado sem olhar.

– Tiveste tempo de trazer alguma coisa? – perguntei, inutilmente.

– Não, nada.

Restava-nos o que tínhamos connosco. Lembrei-me dos quinze mil pesos no armário do meu quarto. Agora já era tarde.

Como ainda tinha o relógio de pulso, vi que eram onze da noite. Envolvi com o braço a cintura de Irene (acho que ela



estava a chorar) e saímos para a rua. Antes de nos afastarmos, tive pena, fechei bem a porta da rua e atirei a chave ao esgoto. Não fosse algum pobre diabo lembrar-se de roubá-la e entrar na casa, àquelas horas, e com a casa ocupada.

## CARTA A UMA RAPARIGA EM PARIS

Andrée, eu não queria vir viver para o seu apartamento da rua Suipacha. Não tanto pelos coelhinhos, mas mais porque me custa penetrar numa ordem fechada, fabricada até nas mais finas malhas do ar, essas que em sua casa conservam a música da lavanda, o adejar poeirento de um cisne<sup>1</sup>, o jogo do violino e da viola no quarteto de Rará. É para mim doloroso entrar num espaço onde alguém que vive confortavelmente dispôs tudo como uma reiteração visível da sua alma, aqui os livros (de um lado em espanhol, do outro em francês e em inglês), além os almofadões verdes, neste preciso sítio da mesa o cinzeiro de vidro com a forma de um frasco de bolhas de sabão, e sempre um perfume, um som, um crescer de plantas, uma fotografia do amigo morto, ritual de bandejas com chá e pinças de açúcar... Ah, querida Andrée, que difícil opor-se, embora aceitando-a com toda a submissão do próprio ser, à ordem minuciosa que uma mulher instaura na sua volúvel residência. Quanta culpa ao pegar numa tacinha de metal e colocá-la no outro extremo da mesa, colocá-la ali simplesmente porque trouxe os dicionários ingleses e é deste lado, ao alcance da mão, que

<sup>1</sup> «Cisne» designa, em espanhol, um aplicador de pó de maquilhagem de forma arredondada, aqui associado, através de um animismo, à ave homónima. [N. T.]

devem estar. Deslocar esta tacinha equivale a um horrível vermelho inesperado no meio de uma modulação de Ozenfant, como se de súbito as cordas de todos os contrabaixos reben-tassem ao mesmo tempo com a mesma terrível chicotada no instante mais silencioso de uma sinfonia de Mozart. Deslocar essa tacinha modifica o jogo de relações de toda a casa, dos objectos entre si, de cada momento da sua alma com toda a alma da casa e com a sua moradora longínqua. E eu não posso aproximar os dedos de um livro, reduzir ligeiramente o cone de luz de um candeeiro, abrir a caixa de música, sem que um sentimento de ultraje e desafio me passe pelos olhos como um bando de pardais.

Sabe porque vim para a sua casa, para a sua sossegada sala namorada do meio-dia. Parece tudo tão natural, como sempre que não sabemos a verdade. Você foi até Paris, eu fiquei com o apartamento da rua Suipacha, elaborámos um simples e satisfatório plano de mútua conveniência até que Setembro a traga de volta a Buenos Aires e me atire para qualquer outra casa onde quem sabe... Mas não lhe escrevo por isso, envio-lhe esta carta por causa dos coelhinhos, parece-me justo pô-la ao corrente; e porque gosto de escrever cartas, e talvez porque está a chover.

Mudei-me na passada quinta-feira, às cinco da tarde, entre a névoa e o fastio. Fechei tantas malas na minha vida, passei tantas horas a preparar bagagens que não me acompanharam a nenhuma parte, que quinta-feira foi um dia cheio de sombras e correias, porque quando vejo as correias das malas é como se visse sombras, elementos de um chicote que indirectamente me açoita, da mais subtil e horrível maneira. Mas fiz as malas, avisei a sua criada de que vinha para ficar e entrei no elevador. Exactamente entre o primeiro e o segundo

andar senti que ia vomitar um coelhinho. Nunca lho tinha dito, não julgue que por deslealdade, mas como é óbvio não nos vamos pôr a explicar aos outros que de vez em quando vomitamos um coelhinho. Como sempre que me aconteceu estava sozinho, omiti o facto, tal como se omitem tantas referências ao que acontece (ou nos acontece) em total privacidade. Não me critique, Andrée, não me critique. Acontece que, de vez em quando, vomito um coelhinho. Não é motivo para não viver em qualquer casa, não é motivo para ter vergonha e ficar isolado e permanecer calado.

Quando sinto que vou vomitar um coelhinho, ponho dois dedos na boca como uma pinça aberta, e espero na garganta a impressão morna da pelugem que sobe como uma efervescência de sais de frutos. É tudo rápido e higiénico, ocorre num brevíssimo instante. Tiro os dedos da boca, e neles trago, preso pelas orelhas, um coelhinho branco. O coelhinho parece feliz, é um coelhinho normal e perfeito, só que muito pequeno, pequeno como um coelhinho de chocolate, mas branco e realmente um coelhinho. Ponho-o na palma da mão, levanto-lhe a pelugem com uma carícia de dedos, o coelhinho parece satisfeito por ter nascido e meneia-se e encosta o focinho à minha pele, movendo-o com a trituração silenciosa e coeguenta do focinho de um coelho na pele de uma mão. Procura comida e então (falo de quando isto acontecia na casa que tenho nos subúrbios) levo-o à varanda e ponho-o no grande vaso onde cresce o trevo que semeiei para o efeito. O coelhinho levanta muito as orelhas, envolve um tenro trevo com um rápido menear de focinho, e eu sei que posso deixá-lo ali e sair, prosseguir por algum tempo com uma vida nada diversa da de tantos outros que compram os seus coelhos nas quintas.

Entre o primeiro e o segundo andar, Andrée, como um prenúncio do que viria a ser a minha vida em sua casa, soube que ia vomitar um coelhinho. Depois tive medo (ou era admiração?, não, medo da própria admiração, talvez), porque, antes de deixar a minha casa, apenas dois dias antes, vomitara um coelhinho e estava garantido por um mês, por cinco semanas, talvez seis com um pouco de sorte. Veja bem, eu tinha resolvido perfeitamente o problema dos coelhinhos. Semeava trevos na varanda da minha outra casa, vomitava um coelhinho, punha-o no trevo e ao cabo de um mês, quando suspeitava que de um momento para o outro... então oferecia o coelho já grande à senhora Molina, que julgava ser um *hobby* e não dizia nada. Já estava a crescer noutro vaso um trevo tenro e apropriado, eu aguardava despreocupado a manhã em que as cócegas de uma pelugem a galgar me fechassem a garganta, e o novo coelhinho repetiria doravante a vida e os hábitos do anterior. Os hábitos, Andrée, são formas concretas de ritmo, são o quinhão de ritmo que nos ajuda a viver. Não era assim tão horrível vomitar coelhinhos, uma vez iniciado o ciclo invariável, o método. Querera saber para quê todo aquele trabalho, porquê todo aquele trevo e a senhora Molina. Teria sido preferível matar imediatamente o coelhinho e... Ah, teria apenas de vomitá-lo, pegar-lhe com dois dedos e pô-lo na mão aberta, colado ainda a ela pelo próprio acto, pela aura inefável da sua proximidade quase nem interrompida. Um mês muda muita coisa, um mês é tamanho, pêlos compridos, saltos, olhos selvagens, uma absoluta diferença. Andrée, um mês é um coelho, faz de facto um coelho. Mas o minuto inicial, quando o corpo morno e nervoso encobre uma presença indistinta... Como um poema nos primeiros minutos,

o fruto de uma noite de Idumeia; tão nosso que nós próprios... e depois tão não nosso, tão isolado e distante no seu simples mundo branco do tamanho de uma carta.

Apesar de tudo, decidi matar o coelhinho assim que nascesse. Eu viveria quatro meses na sua casa: quatro – talvez, com sorte, três – colheradas de álcool no focinho. (Sabe que a misericórdia permite matar instantaneamente um coelhinho dando-lhe a beber uma colherada de álcool? A carne fica mais saborosa, dizem, se bem que eu... Três ou quatro colheradas de álcool, depois a casa de banho, ou só mais um volume no lixo.)

Ao passar pelo terceiro andar, o coelhinho mexia-se na minha mão aberta. Sara esperava lá em cima, para me ajudar a levar as malas... Como explicar-lhe que um capricho, uma loja de animais? Envolvi o coelhinho no meu lenço, meti-o no bolso do casaco, deixando-o desapertado para não o sufocar. Mal se mexia. A sua diminuta consciência devia estar a revelar-lhe factos importantes: que a vida é um movimento ascendente com um clique final, e que é também um céu baixo, branco, envolvente e a cheirar a lavanda, no fundo de um poço morno.

Sara não deu por nada, estava demasiado fascinada pelo árduo problema de ajustar o seu sentido de ordem à minha mala-roupeiro, aos meus papéis e à minha displicência perante as suas elaboradas explicações, nas quais abunda a expressão «por exemplo». Assim que me foi possível, fechei-me na casa de banho: matá-lo agora. Uma estreita zona de calor rodeava o lenço, o coelhinho era branquíssimo e julgo que mais bonito do que os outros. Não olhava para mim, meneava-se simplesmente e estava feliz, o que era o mais horrível modo de olhar para mim. Fechei-o no armário vazio e voltei para desfazer a mala, desorientado mas não infeliz, não me sentindo

culpado, não ensaboando as mãos para apagar nelas uma última convulsão.

Percebi que não conseguia matá-lo. Mas nessa mesma noite vomitei um coelhinho negro.

E dois dias depois um branco. E à quarta noite um coelhinho cinzento.

Há-de certamente adorar o belo armário do seu quarto, com a grande porta que se abre, generosa, as prateleiras vazias à espera da minha roupa. É lá que os tenho agora. Lá dentro. É verdade que parece impossível; nem Sara acreditaria. Porque Sara não suspeita de nada, e o facto de não suspeitar de nada resulta da minha horrível tarefa, uma tarefa que ocupa os meus dias e as minhas noites num só movimento de ancinho e me vai calcinando por dentro e enrijecendo, como aquela estrela-do-mar que pôs na banheira e que parece encher-nos o corpo de sal e de golpes de sol e de grandes rumores das profundezas sempre que tomamos banho.

De dia dormem. São dez. De dia dormem. Com a porta fechada, o armário é uma noite diurna só para eles, ali dormem a sua noite com sossegada obediência. Levo as chaves do quarto quando vou para o trabalho. Sara deve achar que desconfio da sua seriedade e olha para mim cheia de dúvidas, dá para perceber que todas as manhãs me quer dizer alguma coisa, mas acaba por não dizer nada e eu fico muito contente. (Quando arruma o quarto, das nove às dez, faço barulho na sala, ponho um disco de Benny Carter, que ocupa toda a atmosfera e, como Sara também gosta de *saetas* e *pasodobles*, o armário parece silencioso, e talvez até esteja, porque para os coelhinhos já decorre a noite e o descanso.)

Animais invisíveis, como o tigre do conto que dá título ao volume, que se desloca a seu bel-prazer pelos quartos de uma casa, obrigando a família que ali vive a mil cuidados e precauções a fim de evitar encontros indesejados; animais imaginários, como as *mancúspias* que anunciam as fases da «Cefaleia»; animais que despontam do nada, como os coelhos da «Carta a uma Rapariga em Paris»; ou outros ainda subjugados a arcanos poderes, que ganham novas formas e sentidos em «Circe»; todos eles compõem este bestiário fantástico de Julio Cortázar, no qual a descrição realista de atmosferas familiares faz luz sobre a vida secreta de uma sociedade povoada por tensões misteriosas e irracionais.


Publicado originalmente em 1951, *Bestiário* é o primeiro volume de contos de Julio Cortázar e um dos marcos da carreira deste autor e da moderna literatura.



«Quem não lê Cortázar está condenado.»  
Pablo Neruda



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

 [cavalodeferro](#)

  [penguinlivros](#)

ISBN 9789897870309



9 789897 870309 >